

2004/06/03

## O NOVO NAVIO PARA OPERAÇÕES NO LITORAL

*Alexandre Reis Rodrigues*

Se não se verificarem imprevistos de natureza política, em 2007 a Marinha Americana já estará a operar o 1º “Littoral Combat Ship”, no ano seguinte o 2º e em 2009 estarão 4 ao serviço. Não se tratará, porém, conforme é habitual, de uma única classe de navios. Na realidade, serão duas classes de navios com diferenças substanciais na concepção, na forma e dimensões, nas soluções encontradas para a satisfação do requisito de alteração rápida da sua configuração operacional, nos métodos de lançamento e recolha de aéreos e veículos não tripulados, etc.

A inesperada decisão de concretizar duas das três propostas recebidas para a construção deste novo tipo de navio decorre do facto de ambas satisfazerem todos os critérios estabelecidos pela marinha e ter-se considerado que valeria a pena explorar todas as potencialidades das diferentes soluções encontradas por cada uma das duas empresas escolhidas e só mais tarde decidir, em função das experiências alcançadas, qual a que mais convirá. Na prática, tudo está em aberto sobre o que será a versão definitiva do novo “Littoral Combat Ship”, a que a Marinha Americana atribui uma grande urgência; pode ser uma das duas soluções apresentadas ou uma nova solução incorporando os melhores aspectos de cada uma. Esta metodologia diverge totalmente da prática corrente de construção de navios que, desde o fim da II Grande Guerra, tem estado assente no desenvolvimento de uma única classe de navios para cada tipo de tarefa. Realmente, só um país com o poderio económico dos EUA é que presentemente se pode dar ao luxo de construir duas versões diferentes de um mesmo tipo de navio para mais tarde decidir afinal qual é a que melhor responde aos requisitos operacionais estabelecidos. Foi também o sentido de urgência que o Almirante Vernon Clark, actual responsável pela Marinha Americana, tem atribuído a este projecto que, em parte, contribui para este desvio aos conceitos tradicionais de construção de navios.

Segundo os contratos assinados esta semana, às duas empresas seleccionadas para o prosseguimento deste programa – a Lockheed e a General Dynamics – cabe desenvolver os desenhos finais de acordo com as respectivas propostas, ficando com a opção em aberto de subsequentemente desenvolverem os planos detalhados e construir os dois primeiros navios de cada classe. Os próprios montantes de cada contrato evidenciam a substancial diferença entre as duas propostas: o da Lockheed é no valor 46.5 milhões de dólares para a primeira parte (423 milhões no total) e o da General Dynamics de 76.8 milhões e 523 milhões respectivamente. Para além destes montantes, está orçamentada a verba para a construção subsequente de mais nove navios. Quantos serão no total ainda não foi definido, não obstante haver várias referências para um número entre 50 a 60 navios, o que a confirmar-se trará este programa para um montante de 12 biliões de dólares. [1]

Será um navio extremamente versátil e otimizado para operações costeiras, conforme já referido em anterior artigo [2], em que se descreveu a sua caracterização geral; os seus diversos sistemas de armas (para os diferentes tipos de combate) estão alojados em contentores que podem ser trocados no espaço de um dia permitindo assim ajustar a configuração operacional do navio à natureza da missão em que for envolvido. A ideia é europeia, foi inicialmente desenvolvida na Dinamarca e adoptada pela indústria naval alemã no conceito das fragatas “MEKO”, utilizado na construção das fragatas “Vasco da Gama”, mas ainda não tinha sido levada tão longe. De momento, o orçamento aprovado, ao nível do presidente, também inclui a aquisição de 3 módulos para a guerra de minas, 2 para a luta anti-submarina e 4 para o combate de superfície. Qual será a exacta combinação de navios e módulos é assunto que depende de mais detalhadas avaliações das ameaças mais prováveis, não estando, portanto, tomada uma decisão.

Uma das áreas em que se torna mais óbvia a diferença de concepções é na forma do casco para corresponder à exigência de uma velocidade entre os 40 e os 50 nós e uma autonomia de 3.500 milhas. Ambas as empresas propõem uma solução de casco com capacidade de planar; a General Dynamics baseia-se no conceito “trimaran”, fugindo bastante do tradicional design de navio de guerra, mas a Lockheed optou pelo clássico monocasco. No primeiro caso, tratar-se-á de um navio capaz de alcançar 47 nós, 127 metros de comprimento, 30 metros de boca; para a Lockheed será um navio de 115 metros de comprimento, 2.840 toneladas de deslocamento, 13 metros de boca e 45 nós de velocidade. O calado no projecto da Lockheed será de 3.7 metros; no da General Dynamics não foi divulgado. A guarnição permanente ainda não está fixada; poderá, no máximo, ser de 50 elementos, aos quais há a acrescentar os operadores dos módulos embarcados a cada momento, eventualmente cerca de 25. Cada navio tem um núcleo básico de capacidades de auto – defesa, de vigilância e de comunicações; este último assegura também todos os interfaces externos e internos,

designadamente entre os módulos instalados e os sistemas de vigilância e de auto – defesa. A bastante maior área de convés no caso do modelo “trimaran” vai permitir, segundo a General Dynamics, operar dois helicópteros H-60 ou um H-53.

[1] O número de navios estará também dependente das capacidades acrescidas que os desenvolvimentos tecnológicos num futuro próximo poderão permitir. Esta situação está bem exemplificada, por exemplo, pelos cruzadores “AEGIS” de defesa aérea que graças às melhorias de performance introduzidas nos seus sistemas de sensores e mísseis já mais do que triplicaram a área que conseguem cobrir presentemente, tornando-se, portanto, menor o número total de navios necessários para proteger uma mesma zona.

[2] “A Nova Marinha Americana. Ficção ou Realidade?” de 16 de Novembro de 2003.

## **26 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2012/06/18**

### **O DUPLO USO E A COOPERAÇÃO NOS ESPAÇOS MARÍTIMOS[1]**

*José Afonso Galrito[2]*

**2012/01/26**

### **THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY**

*Tiago Fernandes Mauricio[1]*

**2011/12/05**

### **A PIRATARIA MARÍTIMA NA SOMÁLIA[1]**

*José Rodrigues Pedra[2]*

**2011/12/04**

### **QUO VADIS ESTRATÉGIA MARÍTIMA EUROPEIA?[1]**

*José Rodrigues Pedra[2]*

**2011/10/30**

### **O SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA E A SALINIDADE DAS ÁGUAS**

*José Castanho Paes[1]*

**2011/10/13**

### **AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS E A GUERRA DE SUPERFÍCIE**

*Alexandre Rabello de Faria[1] e Marcus de Azevedo Braga[2] (Brasil)*

**2011/02/21**

### **MARINHA DE DUPLO USO: UM CONCEITO PÓS-MODERNO DE UTILIZAÇÃO DO PODER MARÍTIMO[1]**

*Nuno Sardinha Monteiro e António Anjinho Mourinha[2]*

**2010/07/14**

### **FORÇAS PARA O BEM[1]**

*Nuno Sardinha Monteiro[2]*

**2010/03/14**

### **A SOBERANIA DOS ESTADOS E O MAR - A REALIDADE PORTUGUESA[1]**

*João Pires Neves[2]*

**2009/12/05**

### **SÍNTESE GEOPOLÍTICA E GEOSTRATÉGICA DO PODER NAVAL PORTUGUÊS [1]**

*João Brandão Ferreira*

**2007/05/06**

### **A GNR E O MAR TERRITORIAL (VERSÃO INTEGRAL DO ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL PÚBLICO DE 5 MAIO)**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2007/04/20**

### **ESTARÁ A TROPA INGLESA DE BOA SAÚDE?**

*João Brandão Ferreira*

**2007/04/14**

### **CONHECIMENTO, USO E CONTROLO DO MAR PORTUGUÊS**

*José Castanho Paes*

**2007/01/09**

**O NAUFRÁGIO [1]**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2006/06/01**

**REEQUIPAMENTO ADIADO**

*João Ferreira Barbosa*

**2006/01/17**

**O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/12/28**

**O QUE SE PODE ESPERAR DA NOVA MARINHA AMERICANA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/10/09**

**O MAIOR PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DESDE A 2ª GG**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2005/07/27**

**MÍSSEIS TOMAHAWK PARA A MARINHA ESPANHOLA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/08/04**

**DE NOVO OS SUBMARINOS**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/05/21**

**CARACTERÍSTICAS DAS ESTRUTURAS DAS FORÇAS NAVAIS MULTINACIONAIS**

*António Silva Ribeiro*

**2004/01/19**

**A ESTRATÉGIA NAVAL PORTUGUESA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2004/01/08**

**A MARINHA AMERICANA – PLANOS DE NOVAS CONSTRUÇÕES**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/11/16**

**A NOVA MARINHA AMERICANA. FICÇÃO OU REALIDADE?**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/10/31**

**NOVAS FRAGATAS PARA AS MARINHAS FRANCESA E ITALIANA**

*Alexandre Reis Rodrigues*

**2003/10/25**

**NOVOS PORTA-AVIÕES NA EUROPA**

*Alexandre Reis Rodrigues*